

Sábato, Winnicott e Grunberger: um encontro em *El túnel**

Carlos Marcício Naumann Machado**, Porto Alegre

Elisabeth Mazon Machado***, Porto Alegre

Dentre vários possíveis vínculos com referenciais psicanalíticos, o artigo busca fazer uma relação da novela El túnel¹ (Sábato, 1948) com alguns entendimentos baseados em Donald Winnicott e Béla Grunberger. Com inspiração existencialista, o drama ilustra uma profunda imersão narcísica do protagonista, assim como uma busca de segurança frente ao caos de viver separado do objeto amoroso. Considerada uma narrativa que expõe a inevitável fragilidade da condição humana, o enredo penetra na intimidade última e na solidão essencial do homem. A aproximação com Winnicott refere-se às hipóteses de que a transicionalidade, no sentido primitivo, tenha deixado cicatrizes irreparáveis no personagem central de Sábato, com potentes angústias de separação. A ligação com os aportes de Grunberger incide nos seus entendimentos sobre o narcisismo, sobretudo na dualidade narcisismo/pulsões, na busca de constantes reparações da imagem fálica e, na analidade, com a insistente tendência de domínio e de controle sobre o objeto. Há indícios de que a honra narcísica do protagonista está sempre em perigo e este, então, em constante luta de resgate. Em El túnel, a dor da perda do objeto primário parece ter tomado dimensões acentuadas e esse colapso se reatualizar no vínculo amoroso atual do protagonista. Assim, com um forte investimento de representações ligadas à ferida narcísica (Grunberger),

* Trabalho vencedor do prêmio Sigmund Freud – 30º Congresso da FEPAL, em Buenos Aires, 2014.

** Psicólogo clínico. Membro aspirante da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

*** Psicóloga e socióloga. Professora da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-Porto Alegre).

¹ Novela dramática de Ernesto Sábato, escrita em 1948, que se passa em Buenos Aires, sobre um caso de ciúme patológico.

a novela de Sábato ilustra uma impossibilidade de separação, patologia da transicionalidade (Winnicott), em que as relações do sujeito são marcadas por temores catastróficos e, a cada ameaça de perda do objeto, pela emergência de sintomas de ciúme delirante.

Palavras-chave: El túnel, Sábato, Winnicott, Grunberger, ciúme, existencialismo, transicionalidade, narcisismo.

*“Last night you said I was cold,
untouchable
A lonely piece of action from another town
I just want to be free, I’m happy to be lonely
Can’t you stay away?
Just leave me alone with my thoughts
Just a runaway, just a runaway
I’m saving myself”
(Marillion – Blind Curve, 1985)²*

Introdução

O presente artigo busca fazer uma relação entre a obra *El túnel* de Ernesto Sábato (1948) e alguns conceitos de Donald Winnicott e Béla Grunberger. Sábato caracteriza-se por descrever a angústia do homem solitário das grandes cidades. *El túnel*, história escrita em 1948, como salienta Leiva (2000), gira em torno de se perseguir o inalcançável, posto como um mágico regresso ao país da infância, onde o amor e a comunicação alcançam na memória do homem as qualidades do mítico. Esta novela é citada como exemplo de exposição de uma problemática existencialista (Coddou, 1966).

Um breve resumo apresenta-se a seguir. Juan Pablo Castel, um artista conhecido, durante uma exposição em Buenos Aires (no Salão da Primavera de

² N.A.: “Noite passada você disse que eu estava frio, intocável
Uma solitária peça de ação em outro lugar
Eu só quero ser livre, feliz por ser solitário
Você não pode ficar longe?
Apenas deixe-me sozinho com meus pensamentos
Apenas um fugitivo, apenas um fugitivo
Estou salvando a mim mesmo”.
(Marillion – *Blind Curve*, 1985) – (tradução livre).

1946), percebe uma moça em quem se fixa (Maria Iribarne) enquanto ela observa atentamente um quadro seu com o título *Maternidade*. Neste quadro o importante é o detalhe *de uma cena pequena e remota*, um detalhe, acima, à esquerda da tela, em que uma mulher olha fixamente para o mar, *como que esperando algo*. Ao perceber a atenção de Maria para a tela (e o detalhe), Castel desenvolve uma forte obsessão pela moça a ponto de persegui-la pela cidade. Em sua busca por Maria, Castel fantasia todas as possibilidades de conhecê-la e de como abordá-la, ao mesmo tempo em que faz uma série de reflexões que mostram sua postura frente à pintura e às exposições a que prefere não ir. Quando encontra Maria, depois de uma busca incessante, Castel lhe confessa que não consegue parar de pensar nela e que a necessita de modo vital; também pede que ela fale sobre o quadro que apreciava na exposição, ao que ela responde parecer-lhe ser uma mensagem de desesperança. Maria diz a Castel que ele não ganhará nada em vê-la, pois causa dano a todos que dela se aproximam. Embora Maria o tenha advertido, Juan Pablo segue completamente fixado nela e a buscando, ao mesmo tempo que os dois começam uma intensa correspondência por cartas, pois Maria frequentemente viaja de Buenos Aires para uma estância. Eles mantêm uma relação constante, porém perturbadora, já que Juan Pablo a atormenta com questionamentos sobre sua vida pessoal, pois descobre que ela é casada com um homem cego chamado Allende. Castel mostra, o tempo inteiro, desejar um estado de posse absoluta e de indiferenciação em relação à moça. A relação sexual, ao invés de tranquilizá-lo, o perturba mais ainda, com oscilações entre o amor mais puro e o ódio mais desenfreado (Sábato, 1948, p. 68).

A situação chega ao extremo quando Castel ameaça Maria de morte, caso descubra que está sendo traído. Em uma de suas visitas à estância onde ela se refugia, Castel conhece Hunter, primo dela, e acaba, de tanto perseguir a ideia, descobrindo que os dois são amantes. O pintor, perturbado, volta à estância e a mata com uma faca. Depois, confessa o crime ao marido de Maria e se entrega à polícia. Na prisão fica sabendo que Allende se suicidou.

Concluída essa síntese, nosso artigo buscará aproximar-se mais do sofrimento da figura central, visto que nela se observa uma solidão ansiosa e absoluta que, na linha do presente trabalho, pode ser relacionada aos desejos de fusão e às angústias do bebê. Pensamos em dois referenciais: um do campo dos fenômenos transicionais (Winnicott, 1975) e outro das incessantes buscas de um narcisismo perdido (Grunberger, 1960, 1964, 1967), entre tantos outros não contemplados aqui, para nos ajudar a entender o sofrimento de Castel. Conforme Coddou (1966), em linguagem vizinha de uma possível aproximação com o entendimento psicanalítico da profunda imersão narcísica do protagonista, a

influência sartreana em Sábato aponta para uma mágica busca de segurança frente ao caos inevitável da fragilidade da condição humana.

A novela e a condição humana

Conforme as colocações de Coddou (1966) em análise filosófica e literária, em *El túnel* (1948) Sábato penetra no último reduto do caráter do protagonista tentando desvendar as limitações e o absurdo da condição humana e chegar à ansiedade (do protagonista) de comunicar um estado básico de solipsismo. Tratando-se de uma história sobre uma intimidade última, o mundo exposto contém a solidão essencial humana, desejos e frustrações advindos dessa solidão essencial e os elementos hostis da vida real.

Na novela de Sábato, o tempo cronológico (dos relógios e calendários) é trocado por outro tempo, anímico, medido em esperas cheias de angústias, em lapsos de felicidade, de dor e de êxtase. Castel, quando decide o último encontro com Maria Iribarne, ensimesmado, pensa: *“No sé cuánto tiempo pasó en los relojes de ese tiempo anónimo y universal de los relojes, que es ajeno a nuestros sentimientos, a nuestros destinos, a la formación o al derrumbe de un amor, a la espera de una muerte”*³ (Sábato, 1948, p. 135). Sobre este tempo, Coddou (1966) afirma que Sábato impõe outro, de ordem subjetiva: *“Pero de mi propio tiempo fue una cantidad inmensa y complicada, lleno de cosas y vueltas atrás, un río oscuro y tumultuoso a veces, y a veces extrañamente calmo y casi mar inmóvil y perpetuo [...]”*⁴ (Sábato, 1948, p. 135).

O enredo mostra um autor sob a influência do existencialismo sartreano, evidenciando, na figura predominante, um sujeito com grande desejo de domínio e posse absoluta do ser amado. Sábato aponta para a solidão do homem mesmo quando numa relação amorosa, pois entre os dois seres só há abismos e incompreensões. A condição do homem, em Sábato, é de uma solidão existencial.

El motivo que lleva a Juan Pablo Castel a escribir su historia es “la débil esperanza de que alguna persona llegue a entenderme. AUNQUE SEA UNA SOLA PERSONA”. Grito angustiado que revela en el protagonista ese

³ N.A.: Não sei quanto tempo passou nos relógios, desse tempo anônimo e universal dos relógios, que é alheio a nossos sentimentos, a nossos destinos, à formação ou ao acaso de um amor, à espera de uma morte. (tradução livre)

⁴ N.A.: Mas de meu próprio tempo foi uma quantidade imensa e complicada, cheio de coisas e voltas atrás, um rio escuro e revoltoso às vezes, e, às vezes, estranhamente calmo e quase mar imóvel e perpétuo. (tradução livre)

afán de comunicación a que aludíamos, su anhelo de ser comprendido, anhelo que persiste en él, aun después de dar muerte a aquella con quien estuvo más cerca de “comunicarse”: conserva una esperanza, aunque sea débil. [...] Ve a la mujer como una perspectiva, poderosa y vasta, de realización: sólo ella le brinda la posibilidad de dar salida a la enorme fuerza que latía en él. Más aún: notando que el reencuentro es imprescindible, se dice varias veces en voz alta: “eso es necesario, eso es necesario”⁵ (Coddou, 1996, s/p).

Sendo a psicanálise um conhecimento que busca aprofundar os labirintos do inconsciente e a manifestação deste na vida de relações, os estudos da transicionalidade contidos nos trabalhos de Winnicott, assim como aqueles de Grunberger, referentes aos estados narcísicos, parecem-nos fundamentais para entender o funcionamento e o sofrimento humano, que se caracteriza, de modo evocativo, pelas buscas inerentes a cada sujeito. Podemos supor que tais buscas aparecem nas obras de arte, seja na música, na literatura, pintura, em qualquer manifestação artística.

Uma zona intermediária

Para Winnicott, muitas coisas tradicionalmente vistas como inatas tiveram seu começo. No início da vida, a relação do sujeito com seu entorno (bebê/mãe) produz uma gama de fenômenos, denominados transicionais, que são a matriz das relações sociais e afetivas deste sujeito. Quando tenta aprofundar simbolicamente a questão do viver em um lugar – e indagar que lugar é este – Winnicott (1975) faz o célebre questionamento: “Temos aqui, então, dois lugares, o interior e o exterior de um indivíduo. Mas será que isso é tudo?” (p. 145)

Thomas Ogden (1996) nos diz que, no centro do pensamento de Winnicott, o sujeito não existe nem na realidade, nem na fantasia, mas em um espaço potencial entre as duas. No pensamento de Winnicott, o sujeito humano é criado em um espaço entre o bebê e a mãe e esta criação envolve tensões dialéticas entre unidade

⁵ N.A.: O motivo que leva Juan Pablo Castel a escrever sua história é a 'débil esperança de que alguma pessoa chegue a entender-me. AINDA QUE SEJA UMA SÓ PESSOA'. Grito angustiado que revela no protagonista esse afã de comunicação a que aludíamos, seu desejo de ser compreendido, desejo que persiste nele, ainda depois de matar aquela de quem esteve mais próximo de “comunicar-se”: mantém uma esperança, embora fraca [...] Vê a mulher como uma perspectiva, poderosa e vasta, de realização: só ela oferece a possibilidade de dar vazão à enorme força que batia nele. Mais ainda, observando que o reencontro é imprescindível, disse a si mesmo várias vezes em voz alta: ‘isso é necessário, isso é necessário’. (tradução livre)

e separação, internalidade e externalidade. O objeto transicional (e toda a transicionalidade vida afora) é uma extensão do mundo interno e, ao mesmo tempo, possui uma existência real, externa, palpável. Citando Winnicott (1975):

O objeto constitui um símbolo da união do bebê e da mãe (ou parte desta). Esse símbolo pode ser localizado. Encontra-se no lugar, no espaço e no tempo, onde e quando a mãe se acha em transição de (na mente do bebê) ser fundida ao bebê e, alternativamente, ser experimentada como um objeto a ser percebido, de preferência a concebido. O uso de um objeto simboliza a união de duas coisas agora separadas, bebê e mãe, no ponto, no tempo e no espaço, do início do seu estado de separação (p. 135).

Trazendo a ideia de que há sujeitos que não conseguem entrar em contato consigo mesmos e que há aqueles que só ficam dentro de si mesmos, Winnicott refere que, entre esses extremos, a maioria de nós vive numa zona intermediária. Ou seja, entre os dois extremos, há uma vasta zona que é, considerando-se a passagem do tempo, a sequência natural daqueles fenômenos primitivos a que o autor dá o nome de transicionais.

É nesses fenômenos que Winnicott deposita a origem da capacidade simbólica do sujeito. Há, para o autor, uma aproximação entre o gesto criativo do adulto e a potencial e nascente criatividade do bebê humano. Colocando prioridade máxima no ambiente e salientando que determinados padrões repetitivos, muitas vezes considerados como herança genética, tiveram um começo, em Winnicott, o brincar espontâneo da criança pequena não intoxicada e nem abandonada pelo entorno, conduz naturalmente à experiência cultural e, assim, constitui a pedra fundamental de se poder fruir a vida nessa terceira área – nem interna, nem externa – esse espaço transicional que constitui a vida cultural e de relações. “Refiro-me à área hipotética que existe (mas pode não existir) entre o bebê e o objeto (mãe ou parte desta) durante a fase do repúdio do objeto como não-eu, isto é, ao final da fase de estar fundido ao objeto” (Winnicott, 1975, p. 149).

Na narrativa de Sábato, o narrador protagonista Castel age como se Maria Iribarne fosse sua, mas em constante perigo de perder esta posse. Entendemos que a produção deste comportamento está relacionada a uma espécie de *motor* interno que o tira da posição de homem e o transforma numa criança desamparada, insuficiente e controladora. Não há espaço intermediário na experiência afetiva de Castel, ou seja, o colapso já aconteceu. O medo do colapso, pano de fundo constante do personagem central, vem de longe e talvez esteja vinculado ao nome do quadro exposto, *Maternidade*. Conforme Winnicott: “Poder-se-ia dizer que,

com seres humanos, não pode haver separação, apenas uma ameaça dela, e essa experiência é máxima ou minimamente traumática, conforme a experiência das primeiras separações” (1975, p. 150).

A citação abaixo corrobora o desespero de Castel face à possibilidade de separação e evidencia a impossibilidade de um espaço criativo entre os dois seres:

*Pero esos momentos de ternura se fueron haciendo más raros y cortos, como inestables momentos de sol en un cielo cada vez más tempestuoso y sombrío. Mis dudas y mis interrogatorios fueron envolviendo todo, como una liana que fuera enredando y ahogando los árboles de un parque en una monstruosa trama*⁶ (Sábato, 1948, p. 71-72).

Em seu trabalho sobre as origens do *concern* (capacidade de preocupação ou consideração), Winnicott (1963b) propõe duas mães. A mãe-ambiente proporciona o seguimento da linha de vida, a afeição e a sensualidade. Winnicott induz a uma separação dessa função com o mundo pulsional. A mãe como objeto é que está ligada à contenção da pulsão, à imperiosa sobrevivência aos “episódios dirigidos pelo instinto, que agora adquiriram a potência máxima de fantasias de sadismo oral e outros resultados da fusão” (Winnicott, 1963b, p. 73). A mãe-objeto winnicottiana está vinculada à intrusividade da pulsão. À capacidade de conter, lapidar e devolver as identificações projetivas do bebê. O autor refere que, se a mãe-objeto não sobrevive (psiquicamente), ou se a mãe-ambiente não pode prover oportunidades à reparação, a capacidade de se preocupar vai cedendo lugar a ansiedades e defesas arcaicas como *splitting* e desintegração.

Em outro estudo, também publicado originalmente em 1963, Winnicott (1963a) entra em contato com a questão da comunicação e com a expressão do sujeito no mundo, explorando principalmente a ideia das relações de objeto, desde quando a criança deixa para trás a área da onipotência como uma experiência de vida. Ideias semelhantes estão contidas nos trabalhos de Grunberger (1960, 1964, 1967) sobre a fenomenologia do narcisismo. Winnicott considera que o núcleo pessoal do sujeito não se comunica; é algo isolado e autêntico e esse núcleo deseja assim permanecer. Quer se comunicar para buscar ser real (expressão do verdadeiro *self*), mas, ao mesmo tempo, deseja a preservação de uma ideia mágica, de plenitude, contida no isolamento. Quer se comunicar, mas, ao mesmo tempo,

⁶ N.A.: Mas esses momentos de ternura foram se fazendo mais raros e curtos, como instáveis momentos de sol em um céu cada vez mais tormentoso e sombrio. Minhas dúvidas e meus interrogatórios foram envolvendo tudo, como uma planta trepadeira enredando e sufocando as árvores de um parque em uma monstruosa trama. (tradução livre)

precisa manter a comunicação secreta com objetos subjetivos. Relacionando, então, com Grunberger, parece que Winnicott (1963a) está falando, justamente, da coexistência entre as tendências narcísicas e objetais, atuando dialeticamente *vida afora* na existência do sujeito humano.

No artista podemos detectar, acho eu, um dilema inerente, que pertence à coexistência das duas tendências, a necessidade urgente de se comunicar e a necessidade ainda mais urgente de não ser decifrado. Isso nos faz contar com o fato de não podermos conceber o artista chegando ao fim da tarefa que ocupa sua natureza (Winnicott, 1963a, p. 168).

O universo narcísico

Buscamos agora algumas considerações sobre Béla Grunberger, autor que se ocupa exaustivamente do estudo dos fenômenos narcísicos. Da sua obra, para esse artigo, destacamos os trabalhos sobre a analidade (1960), sobre a imagem fálica (1964) e sobre a dualidade narcisismo-pulsão (1967). Em qualquer página de *El túnel* que se abra ao acaso, o leitor verá algo relacionado a um sentimento de insuficiência do protagonista (imagem fálica depauperada) associado às tentativas pulsionais pertencentes ao território da analidade (controle e domínio).

A pressuposição básica contida na obra de Grunberger evidencia que uma das buscas humanas fundamentais refere-se ao estado elacional, denominação do autor para designar plenitude. Esse estado representaria sensações anteriores ao nascimento, perdas nesse momento e que a mãe (naquilo que compreende a função materna) tentaria prolongar ao máximo. Ou seja, diante da insuficiência ao nascer, verdadeira castração primária e avassaladora, a mãe (*suficientemente boa*) tentaria, então, reconstituir para o bebê, simbolicamente, a ideia desse estado de plenitude.

Para Grunberger (1967), o fator narcisista é eminentemente dialético, pois, não existindo no estado puro, está obrigatoriamente associado a outros fatores de colorido relacional e afetivo. O autor considera que a distinção (e, talvez, as semelhanças) entre as duas perspectivas é que a perspectiva pulsional é utilizada para buscar a perspectiva narcisista. Assim, a união mãe-bebê, advinda do estado narcísico, desembocaria numa relação movida pela pulsão, a qual objetivaria um retorno à antiga perspectiva. Cada sujeito fará a sua síntese específica destas duas perspectivas, o que dará consistência a aspectos estruturais e caracterológicos individuais. Então, se o estado pré-natal sobrevive em cada um sob a forma de

narcisismo primitivo, o equilíbrio narcisista necessário estará sob a égide do aparelho instintivo encarregado de buscar a restauração do antigo sistema.

O homem se encontrará ao nascer, por uma parte, como detentor de sua herança narcisista cujo suporte, ligado à vida fetal, lhe foi retirado e, de outra parte, é portador de um aparelho pulsional que ainda não funciona, mas que está em estado latente, com uma tensão pulsional precoce indubitável. O bebê se encontra, assim, em um dado período, separado dos dois mundos de uma só vez, em uma escuridão sombria de uma terra de ninguém existencial, na qual ele se aferra desesperadamente à sua mãe, ou melhor, no que ela representa para ele nesse momento: uma possibilidade de prolongamento de seu estado narcisista pré-natal e, ao mesmo tempo, de acesso e integração no novo universo de base pulsional⁷ (Grunberger, 1967, p. 272, tradução livre).

No estudo deste autor, há a ideia de que, para o inconsciente, a completude narcisista possui o valor de uma divinização, qualquer que seja o grau objetivo de completude e a fase da vida. Grunberger (1960) salienta que o narcisismo atravessa, inalterável em sua essência, todos os estágios pulsionais, utilizando os modos diversos que as sucessivas fases colocam à sua disposição. O sujeito buscará sempre “*poner a salvo su honor narcisista*”⁸ (p. 144).

O desejo de posse absoluta conduz Castel a submeter Maria a uma tortura incessante, com interrogatórios infundáveis, em que ideias de traição estão em primeiro plano. Ele questiona sobre tudo, sobre silêncios, seus olhares, suas palavras perdidas, seus amores antigos, etc. A sempre frustrada intenção da posse absoluta e da sujeição total do objeto leva este personagem ao desespero completo, com sentimentos de impotência e de fracasso. Estamos no território da analidade, fazendo uma aproximação da visão fenomenológica com aportes instintivistas, algo que, na obra de Grunberger (1960), é feito com naturalidade e maestria. Castel utiliza permanentemente um padrão de *absorver* e *digerir* o objeto amado. O recurso pulsional objetiva a completa trituração do objeto.

⁷ N.A.: ‘*El hombre se encontrará pues, al nacer, por una parte, como detentor de su herencia narcisista cuyo soporte, ligado a la vida fetal, le há sido arrebatado y, por otra parte, es portador de un aparato sexual pero que aún no funciona, mientras que los índices de una tensión sexual que buscan movilizar este aparato de una manera precoz son indubitables. El bebé se encuentra así rechazado de los dos mundos a la vez y es en las tinieblas dirimientes de esta no man’s land existencial que él se aferra desesperadamente a su madre o más bien a lo que ella representa para él en este momento: una posibilidad a la vez de prolongación de su estado narcisista prenatal y de acceso a su integración en el nuevo universo de base pulsional*’ (p. 272).

⁸ N.A.: Pôr a salvo sua honra narcísica. (tradução livre)

Esse círculo maligno, parodiando Winnicott (1963b) pelo negativo, parece objetivar um crescimento da imagem fálica de Castel. Ou seja, a sujeição (do objeto) sem fim objetivaria (ilusoriamente) um estado fusional e esse a plenitude ou o solipsismo absoluto. A característica essencial da relação objetual anal reside no controle do objeto, controle que vale ao sujeito o restabelecimento da integridade narcisista colocada em perigo no estágio precedente. Enquanto que o oral busca a unicidade e a autonomia narcisista, o anal tenderá a buscá-las por outros meios, fundamentalmente de controle e domínio. O essencial para o sujeito é ocupar, ante o objeto e ante si mesmo, uma posição de superioridade, que ele tratará de salvaguardar a qualquer preço, tanto mais que ela representa, além da questão pulsional propriamente dita, uma referência narcisista positiva. A necessidade de manter intacta essa posição se converte, assim, em uma finalidade que ultrapassa esta questão.

Un día la discusión fue más violenta que de costumbre y llegué a gritarle puta. María quedó muda y paralizada. Luego, lentamente, en silencio, fue a vestirse detrás del biombo de las modelos; y cuando yo, después de luchar entre mi odio y mi arrepentimiento, corrí a pedirle perdón, vi que su rostro estaba empapado en lágrimas. No supe qué hacer: la besé tiernamente en los ojos, le pedí perdón con humildad, lloré ante ella, me acusé de ser un monstruo cruel, injusto y vengativo. Y eso duró mientras ella mostró algún resto de desconsuelo, pero apenas se calmó y comenzó a sonreír con felicidad, empezó a parecerme poco natural que ella no siguiera triste: podía tranquilizarse, pero era sumamente sospechoso que se entregase a la alegría después de haberle gritado una palabra semejante y comenzó a parecerme que cualquier mujer debe sentirse humillada al ser calificada así, hasta las propias prostitutas, pero ninguna mujer podría volver tan pronto a la alegría, a menos de haber cierta verdad en aquella calificación⁹ (Sábado, 1948, p. 71).

⁹ N.A.: Um dia a discussão foi mais violenta que de costume e cheguei a gritar-lhe puta. Maria ficou muda e paralisada. Logo, lentamente, em silêncio, foi se vestir atrás do biombo das modelos; e quando eu, depois de lutar entre meu ódio e meu arrependimento, corri a lhe pedir perdão, vi que seu rosto estava empapado em lágrimas. Não soube o que fazer. Beije-a ternamente nos olhos, pedi perdão com humildade, chorei ante ela, me acusei de ser um monstro cruel, injusto e vingativo. E isso durou enquanto ela mostrou algum resto de desconsolo, mas apenas se acalmou e começou a sorrir com felicidade, comecei a parecer-me pouco natural que ela não seguisse triste: poderia se tranquilizar, mas era muito suspeito que se entregasse à alegria depois de eu haver gritado uma palavra semelhante e começou a parecer-me que qualquer mulher deve sentir-se humilhada ao ser qualificada assim, até as próprias prostitutas, mas nenhuma mulher poderia voltar tão pronto à alegria, a menos de haver certa verdade naquela qualificação. (tradução livre)

Esses aspectos brutos do instinto, na obra de Sábato, evidenciam um Juan Pablo Castel que busca desesperadamente alguém com uma existência semelhante a sua. O que significaria esperança contra o caos, além da compreensão e da superação de uma solidão básica. Desejando esse encontro absoluto, tudo o que venha a adiá-lo ou a impedi-lo provoca estados de desespero e ameaça de colapso. E, de forma oposta, todo pequeno detalhe que vislumbre a possibilidade de completude enche o protagonista de felicidade. Por exemplo, a primeira carta recebida tem a simples assinatura “María”, de modo que Juan Pablo devaneia: “*Esa simplicidad me daba una vaga idea de pertenencia, una vaga idea de que la muchacha estaba ya en mi vida y de que, en cierto modo, me pertenecía*”¹⁰ (*Idem*, p. 55). Influenciado pelos trabalhos de Ferenczi, Grunberger (1964, 1967) propõe que mesmo o desejo sexual no adulto, imerso, já, nas constelações edípicas, estaria, em um nível profundo, obedecendo a um desejo regressivo, de essência narcisista, de retorno ao útero materno e a um sentimento de plenitude.

Considerações finais

Acompanhando-se bem a narrativa de Sábato percebe-se que Castel estava à espera dessa mulher. “*Fue como si la pequeña escena de la ventana empezara a crecer y a invadir toda la tela y toda mi obra*”¹¹ (Sábato, 1948, p. 15). O estado de indiferenciação, busca alucinante de Castel, fica bem evidente: “*La reconocí inmediatamente; podría haberla reconocido en medio de una multitud. Sentí una indescriptible emoción. Pensé tanto en ella, durante esos meses, imaginé tantas cosas, que, al verla, no supe qué hacer*”¹² (*Idem*, p. 15). A transferência maciça estava estabelecida: “*Sentí que el amor anónimo que yo había alimentado durante años de soledad se había concentrado en María*”¹³ (*Idem*, p. 58).

Por hipótese, em *El túnel*, a dor da perda do objeto primário tomou dimensões acentuadas. Assim, com um forte investimento de representações ligadas à ferida narcísica (Grunberger), a novela de Sábato ilustra uma

¹⁰ N.A.: Essa simplicidade me dava uma vaga ideia de pertença, uma vaga ideia de que a moça estava já em minha vida e de que, de certo modo, me pertencia. (tradução livre)

¹¹ N.A.: Foi como se a pequena cena da janela comesse a crescer e invadir toda a tela e toda a minha obra. (tradução livre)

¹² N.A.: Eu a reconheci imediatamente; poderia tê-la reconhecido em meio a uma multidão. Pensei tanto nela, durante esses meses, imaginei tantas coisas, que, ao vê-la, não soube o que fazer. (tradução livre)

¹³ N.A.: Senti que o amor anônimo que eu havia alimentado durante anos de solidão havia se concentrado em Maria. (tradução livre)

impossibilidade de separação, patologia da transicionalidade (Winnicott), em que as relações do sujeito são marcadas por temores catastróficos, e a cada ameaça de perda do objeto emergem sintomas de ciúme delirante. Uma passagem do livro, que, nos parece, reúne a questão transicional com a narcísica, pode ser exemplificada no sonho de Castel, descrito de maneira ímpar pela genialidade do escritor:

Tuve este sueño: visitaba de noche una vieja casa solitaria. Era una casa en cierto modo conocida e infinitamente ansiada por mí desde la infancia, de manera que al entrar en ella me guiaban algunos recuerdos. Pero a veces me encontraba perdido en la oscuridad o tenía la impresión de enemigos escondidos que podían asaltarme por detrás o de gentes que cuchicheaban y se burlaban de mí, de mi ingenuidad. Quiénes eran esas gentes y qué querían? Y sin embargo, y a pesar de todo, sentía que en esa casa renacían en mí los antiguos amores de la adolescencia, con los mismos temblores y esa sensación de suave locura, de temor y de alegría. Cuando me desperté, comprendí que la casa del sueño era María¹⁴ (Sábato, 1948, p. 59).

Para Castel, ao iniciar-se a trama, já estava escrito esperar quem se adequaria a exercer uma função já conhecida, não elaborada e permanentemente inacabada. O que poderia restar a Juan Pablo Castel? Como fazer um arranjo que pudesse contemplar as exigências (pulsionais e narcísicas) de posse, de dominação, de vingança e de triunfo sobre o objeto fundamentalmente necessitado? Somente exercendo, sobre o objeto, uma máxima dominação de ordem anal avassaladora, digerindo e aniquilando o objeto, numa ilusória tentativa de reconstituir a *essência* perdida. Assim, com ansiedades primitivas persecutórias e intensa utilização de identificações projetivas, a impressão é de que Castel, ao início do drama, na exposição artística de 1946, vive uma *pesca de espera*, com anzol e isca, aguardando a fígada.

¹⁴ N.A.: Tive este sonho: visitava de noite uma velha casa solitária. Era uma casa de certo modo conhecida e infinitamente ansiada por mim desde a infância, de modo que, ao entrar nela, me guiavam algumas recordações. Mas às vezes me encontrava perdido na escuridão, ou tinha a impressão de inimigos escondidos que podiam me assaltar pelas costas, ou de pessoas que cochichavam e zombavam de mim, da minha ingenuidade. Quem eram essas pessoas e o que queriam? E, sem dúvida, e apesar de tudo, sentia que nessa casa renasciam em mim os antigos amores da adolescência, com os mesmos temores e essa sensação de suave loucura, de temor e de alegria. Quando despertei, compreendi que a casa do sonho era Maria. (tradução livre).

Yo no decía nada. Hermosos sentimientos y sombrías ideas daban vueltas en mi cabeza, mientras oía su voz, su maravillosa voz. Fui cayendo en una especie de encantamiento. La caída del sol iba encendiendo una fundición gigantesca entre las nubes del poniente. Sentí que ese momento mágico no se volvería a repetir nunca. “Nunca más, nunca más”, pensé, mientras empecé a experimentar el vértigo del acantilado y a pensar qué fácil sería arrastrarla al abismo, conmigo¹⁵ (Idem, 1948, p. 107).

Después sentí que acariciaba mi cara, como lo había hecho en otros momentos parecidos. Yo no podía hablar. Como con mi madre cuando chico, puse la cabeza sobre su regazo y así quedamos un tiempo quieto, sin transcurso, hecho de infancia y de muerte¹⁶ (Idem, 1948, p. 108).

– *Qué vas a hacer, Juan Pablo? Poniendo mi mano izquierda sobre sus cabellos, le respondí: – Tengo que matarte, María. Me has dejado solo¹⁷ (Idem, 1948, p.140).*

A fascinante narração de *El túnel* poderia ter as mais diversas interpretações psicanalíticas. Por exemplo, poderíamos adentrar-nos mais na questão do ciúme patológico e buscar com maior vigor a obra freudiana (Freud, 1922). Ou, ainda, estudar com maior relevo a estrutura narcísica denominada de *self* grandioso (Kohut, 1966). Certamente, caminhos que deixariam este artigo mais atraente e que ficam em aberto para um próximo trabalho. □

Abstract

Sábato, Winnicott and Grunberger: a meeting in *The tunnel*

Among several possible connections with psychoanalytical references, this work aims at establishing a relationship between the novel *The tunnel* (Sábato, 1948)

¹⁵ N.A.: Eu não dizia nada. Sentimentos bonitos e sombrias ideias davam voltas na minha cabeça, enquanto ouvia a sua voz, sua maravilhosa voz. Fui caindo em uma espécie de encantamento. A queda do sol ia incendiando uma fundição gigantesca entre as nuvens do poente. Senti que esse momento mágico não se repetiria nunca. Nunca mais, nunca mais, pensei, enquanto experimentava a vertigem do precipício e pensava que fácil seria arrastá-la ao abismo comigo. (tradução livre)

¹⁶ N.A.: Depois senti que acariciava meu rosto, como havia feito em outros momentos parecidos. Eu não podia falar. Como com minha mãe quando criança, pus a cabeça sobre seu peito e assim ficamos um tempo quieto, sem transcurso, feito de infância e de morte. (tradução livre)

¹⁷ N.A.: O que vais fazer, João Paulo? Colocando minha mão esquerda sobre seus cabelos, respondi: Tenho que te matar, Maria. Me deixaste sozinho. (tradução livre)

and some understandings based on Donald Winnicott and Béla Grunberger. With existentialist inspiration, the drama explores the deep narcissistic immersion of the main character, as well as his quest for security in order to cope with the chaos of living apart from his love object. Whilst the narrative is considered to expose the inevitable fragility of the human condition, the plot penetrates the ultimate intimacy and essential loneliness of man. The reference to Winnicott consists in the hypotheses that transitionality, in its primitive sense, has left irreparable scars on Sábato's main character, with deep anxieties of separation. The connection with Grunberger's contributions refers to his understanding of narcissism, especially to the duality narcissism/drives, to the search for constant reparations of the phallic image and to anality, with the insistent tendency of dominance and control over the object. There are indications that the main character's narcissistic honor is always in danger, with him being in constant struggle for rescue. In *The tunnel*, the pain for the loss of the primary object seems to have gained enormous proportions and this collapse to be renewed in the current love relationship of the main character. Therefore, with a strong structure of representations connected to the narcissistic injury (Grunberger), Sábato's novel shows the impossibility of separation, pathology of the transitionality (Winnicott), in which subject's relationships are characterized by catastrophic fears and, to each threat of object loss, by the emergence of delirious jealousy symptoms.

Keywords: *The tunnel*, Sábato, Winnicott, Grunberger, jealousy, existentialism, transitionality, narcissism.

Resumen

Sábato, Winnicott y Grunberger: un encuentro en *El túnel*

Entre los varios posibles vínculos con referenciales psicoanalíticos el artículo busca plantear una relación entre el romance *El túnel* (Sábato) y algunos entendimientos basados en Donald Winnicott y Béla Grunberger. Con la inspiración existencialista, el drama ilustra una profunda inmersión narcisista del protagonista, bien como una búsqueda de seguridad frente al caos de vivir separado del objeto amoroso. Considerada una narrativa de la inevitable fragilidad de la condición humana, el enredo penetra en la intimidad última y en la soledad esencial del hombre. El acercamiento a Winnicott se refiere a las hipótesis que la transicionalidad, en el sentido primitivo, ha provocado cicatrices irreparables en el protagonista de Sábato, con fuertes angustias de separación. El vínculo con los

aportes de Grunberger se relaciona con sus entendimientos sobre el narcisismo, sobretudo en la dualidad narcisismo/pulsiones en la búsqueda de constantes reparaciones de la imagen fálica y, en la analidad, con la insistente tendencia de dominio y controle sobre el objeto. Hay indicios que la honra narcisista del protagonista está siempre en peligro y ese, entonces, en constante lucha de rescate. En *El túnel*, el dolor de la pérdida del objeto primario parece haber tomado dimensiones acentuadas y ese colapso parece se reactualizar en el vínculo amoroso actual del protagonista. Así, con una fuerte inversión de representaciones vinculadas a la herida narcisista (Grunberger), el romance de Sábato ilustra una imposibilidad de separación, patología de la transicionalidad (Winnicott), donde las relaciones del sujeto son marcadas por miedos catastróficos y a cada amenaza de la pérdida del objeto surgen síntomas de celos delirantes.

Palabras-clave: *El túnel*, Sábato, Winnicott, Grunberger, celos, existencialismo, transicionalidad, narcisismo.

Referências

- Coddou, M. (1966). La estructura y la problematica existencial de *El túnel* de Ernesto Sábato. *Revista ATENEA: Revista trimestral de Ciencias, Letras y Artes*, 162 (412). Recuperado de <http://www.letras.s5.com/sabato070902.htm>.
- Freud, S. (1922). Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18), Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Grunberger, B. (1960). Estudio sobre la relación anal-objetal. In *El narcisismo*. Buenos Aires: Trieb, 1979.
- Grunberger, B. (1964). De la imagen fálica. In *El narcisismo*. Buenos Aires: Trieb, 1979.
- Grunberger, B. (1967). El Edipo y el narcisismo. In *El narcisismo*. Buenos Aires: Trieb, 1979.
- Kohut, H. (1966). Formas e transformações do narcisismo. In *Self e narcisismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.
- Leiva, A. (Ed.) (2000). Introducción. In E. Sabato, *El túnel*. (24 ed., pp. 11-48). Madrid: Ediciones Cátedra, col. Letras Hispánicas.
- Marillion (1985). Blind Curve – vocal under a bloodlight (part A). *Misplaced childhood* (record). London: EMI Music. 41 min.
- Ogden, T. H. (1996). *Os sujeitos da psicanálise*. São Paulo: Casa do psicólogo.
- Sábato, E. (1948). *El túnel* (3 ed.). Buenos Aires: Seix Barral, 2007.
- Winnicott, D. W. (1963a). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos

opostos. In *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (3. ed.), Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

Winnicott, D. W. (1963b). O desenvolvimento da capacidade de se preocupar. In *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (3. ed.), Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

Recebido em 25/03/2015

Aceito em 08/04/2015

Revisão técnica de **Cristiano Freitas Frank**

Carlos Marcício Naumann Machado

Rua Faria Santos, 47/403

90670-150 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: cmn.machado@gmail.com

© *Calibán – Revista Latino-americana de Psicanálise*

Versão em português da Revista de Psicanálise – SPPA